

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE

NÚCLEO DE GESTÃO

CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

IRANLLUCI OTACILIA SANTOS

**TRABALHO ASSOCIADO NUMA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL: UM
ESTUDO SOBRE A ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃOS DE GRAVATÁ- PE**

CARUARU

2018

IRANLLUCI OTACILIA SANTOS

**TRABALHO ASSOCIADO NUMA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL: UM
ESTUDO SOBRE A ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃOS DE GRAVATÁ- PE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Administração da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do título de bacharela em Administração.

Orientadora: Professora Dr^a Elisabeth Cavalcante dos Santos.

CARUARU

2018

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4-1242

S237t

Santos, Iranlluci Otacilia.

Trabalho associado numa organização da sociedade civil: um estudo sobre a Associação dos artesãos de Gravatá-PE./ Iranlluci Otacilia Santos. – 2018. 49f. ; il. : 30 cm.

Orientadora: Elisabeth Cavalcante dos Santos.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Administração, 2018.

Inclui Referências.

1. Organização da Sociedade Civil. 2. Associações profissionais. 3. Artesanato. 4. Artesãos. I. santos, Elisabeth Cavalcante dos(Orientadora). II. Título.

658 CDD (23. ed.)

UFPE (CAA 2018-185)

IRANLLUCI OTACILIA SANTOS

**TRABALHO ASSOCIADO NUMA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL: UM
ESTUDO SOBRE A ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃOS DE GRAVATÁ-PE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao núcleo de gestão da
Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharela em Administração.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Myrna Suely Silva Lôreto- UFPE

Professor Mestre Wagner Gomes- UFPE

Professora Dra. Elisabeth Cavalcante dos Santos- UFPE (orientadora)

Agradeço a Deus, a minha família e a todos que de alguma forma me incentivaram e apoiaram a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, porque sem a mão dele não teria chegado até onde cheguei, com muita fé e discernimento.

Aos meus pais que estiveram ao meu lado me ajudando no que foi preciso por todos esses anos, sem vocês não sei como teria conseguido sozinha.

Ao meu filho lindo Breno que tive que deixar pequenininho sem entender muito que a mamãe precisava ir estudar, por quantas noites o deixei chorando em casa para ir em busca do meu sonho, da minha formação, de buscar um futuro melhor para nós dois e hoje esse sonho está bem pertinho de virar realidade. Quantos finais de semana que tivemos que abrir mão para mamãe ter que estudar quantas noites você ficou me esperando chegar, tudo isso teve um propósito e o tão esperado diploma vai sair.

Em especial ao meu sobrinho Isllan que sempre me deu muita força e esteve ao meu lado em busca desse sonho, meu muito obrigado, amo você.

A minha irmã Irauze que por tantas noites cuidou de Breno enquanto eu estava fora, meu muito obrigado, amo muito você.

A minha orientadora top Elisabeth, que esteve sempre disposta a me ajudar e orientar em todo o trabalho, nunca vi pessoa tão paciente e que agüentou minha ansiedade quando eu chegava dizendo que não ia dar tempo, mas deu tempo e a toda ajuda vinda dela foi de suma importância para conclusão desse trabalho, meu muito obrigada!

Não posso deixar de agradecer ao meu amigo de tantos anos Junior, que por tantas vezes me fez esquecer um pouquinho de todo estresse que estava sendo para terminar esse trabalho, pelas suas ligações, pelo seu carinho de sempre, mesmo longe se fez presente de alguma forma, muito obrigado.

E aos amigos que a UFPE me deu e que levo em minha vida e em meu coração; Carlos Eduardo que nunca me deixou desistir e sempre teve tanta paciência comigo, meu amigo do coração!!!! Vandrielly, a amiga mais meiga e de um coração tão bom que ganhei, você vai está sempre no meu coração e na minha vida! E não poderia esquecer Douglas, que foi a amizade mais inesperada que poderia ter feito na UFPE, com seu jeito bruto de ser, nos mostrou o quanto é uma pessoa especial e que sempre esteve disposto a ajudar, meu muito obrigado por tudo.

A todos que de uma forma ou de outra estiveram comigo nessa caminhada.

*“Querido Deus, graças te dou por me ouvir,
me guardar e por fazer de tudo para me ver
sorrir”. Salmo 64*

RESUMO

O seguinte trabalho apresenta um estudo sobre o trabalho associado realizado na Associação de Artesãos de Gravatá- PE. O estudo tem como objetivo entender qual a percepção dos artesãos em relação ao trabalho exercido dentro da Associação. Portanto, foi feita uma pesquisa de caráter qualitativo, sendo utilizada como coleta de dados entrevistas semi estruturada com o total de 11 artesãos, a partir das quais foram compreendidos os motivos para estar associados, a história de cada um dentro da associação e relatos sobre dificuldades encontradas pelos mesmos. O resultado obtido na pesquisa de campo demonstrou que existe pouco apoio e incentivo ao trabalho artesanal exposto pela associação por parte dos órgãos públicos, mas em contrapartida mostrou a importância desse trabalho artesanal na vida dos artesãos da região.

Palavras-chave: Associação. Trabalho associado. Organizações da sociedade civil. Artesanato.

ABSTRACT

The following paper presents a study on the associated work carried out in the Gravatá-PE Artisans Association. The study aims to understand the perception of artisans in relation to the work performed within the Association. Therefore, a qualitative research was done, and data collection was used semi-structured interviews with a total of 11 artisans, from which the reasons for being associated were understood, the history of each one within the association and reports on difficulties found by them. The results obtained in the field research showed that there is little support and incentive to the artisan work exposed by the association by the public agencies, but in contrast, showed the importance of this artisanal work in the life of the artisans of the region.

Keywords: Association. Associated work. Civil society organizations. Crafts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Sede da Associação

Figura 2- Tipos de artesanato feito na Associação

Figura 3- Bonecas de pano

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Entrevistados, funções, data, duração das entrevistas

Quadro 2- Faixa etária dos artesãos

Quadro 3- Estado civil dos artesãos

Quadro 4- Etnia dos artesãos

Quadro 5- Gênero dos artesãos

Quadro 6- Grau de escolaridade

Quadro 7- Renda mensal aproximada dos artesãos

Quadro 8- Responsável pelo sustento familiar

Quadro 9- Outra atividade remunerada exercida pelos artesãos

Quadro 10- Roteiro das Entrevistas

LISTA DE SIGLAS

BNDES- Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LDO- Lei de Diretrizes Orçamentárias

MROSC- Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil

OAB- Ordem dos Advogados do Brasil

ONGs- Organizações Não- Governamentais

OSCs- Organização da Sociedade Civil

OTAs- Organizações de Trabalho Associado

PAB- Programa de Artesanato Brasileiro

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Objetivos	14
<i>1.1.1</i>	<i>Objetivo Geral</i>	<i>14</i>
<i>1.1.2</i>	<i>Objetivos Específicos</i>	<i>14</i>
1.2	Justificativa	14
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1	Organizações da Sociedade Civil	16
2.2	Artesanato	22
3.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
4.	ANÁLISE DOS DADOS	30
4.1	O perfil dos trabalhadores da Associação de Artesãos de Gravatá- PE	30
4.2	A história da Associação de Artesãos de Gravatá - PE a partir dos relatos dos associados	35
4.3	Motivos que levaram os artesãos a se associarem	36
4.4	O trabalho associado na Associação de Artesãos de Gravatá- PE	38
4.5	Dificuldades no trabalho associado de artesãos em Gravatá- PE	39
4.6	Identificar as possibilidades de melhoria propostas pelos próprios artesãos associados	41
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44
	APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	47
	APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA EXPLORATÓRIA	48

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, existe um grave problema de estrutura quando o interesse privado vem a se apropriar da política e do espaço público, pois a organização política passa a não mais representar o interesse coletivo e assim passa a perder sua legitimidade. Diante desse problema, observa-se o aumento das Organizações da Sociedade Civil (OSC) que se regularizam e passam a suprir a demanda dos excluídos, a partir de ações sociais (NEJM, 2007).

Para Oliveira e Haddad (2011) o termo sociedade civil diz respeito à população de cidadãos, engloba as variadas formas de organização e manifestações, com ou sem fins lucrativos, podendo surgir de forma planejada ou espontânea.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2011) explica que OSC são entidades advindas da participação social e da livre organização da população, que apresentam ações de interesse público sem fins lucrativos. Elas lidam com os mais diversos assuntos e interesses, variando assim sua forma de financiamento, atuação e mobilização. Dentre os diversos tipos de OSC existentes, observam-se aquelas vinculadas à arte e cultura, como as associações artesanais.

Pode-se afirmar que o artesanato demonstra uma linha paralela à arte, tendo variados usos e consegue tornar cada peça algo único. O processo de cada peça demonstra a identidade do artesão em sua criação e por vezes alguma identidade de quem irá possuir o objeto (MENDES, 2010).

Para Hage (2009) o artesanato se tornou uma das maneiras mais expressivas de produção artesanal e de identidade de povos, em especial no Brasil ganhando diversas maneiras de uso e divulgação. Com o desenvolvimento industrial, o artesanato entra em declínio e marginalização, sendo utilizado como opção de trabalho para população de menor poder aquisitivo. Entretanto, tendo em vista as recentes transformações no mundo do trabalho, que vem aumentando índices de desemprego, o artesanato vem ressurgindo como uma forma alternativa de inserção de trabalhadores.

A cidade de Gravatá- PE está localizada no Agreste de Pernambuco a uma distância de 85 km da capital Recife. A mesma possui grande diversidade de atividades econômicas, gerando assim emprego e renda para a população. Atividades voltadas para o turismo, hotelaria, artesanato, gastronomia e fabricação de móveis rústicos. O artesanato ganhou destaque na cidade pela fabricação das “bonequinhas da sorte”, bonecas trabalhadas minuciosamente e rica em detalhes, e pelo trabalho exercido pelos artesãos na Associação de

Artesãos, peças de madeira, bronze, couro, material reciclado, inúmeras peças feitas manualmente (TURISMO DO NORDESTE, 2006). O clima da cidade e seus pontos turísticos atraem inúmeros visitantes, podemos citar entre eles o Pólo Moveleiro que concentra as mais variadas lojas de móveis rústicos e artesanato, outros pontos como o Mercado Cultural, o Memorial de Gravatá, a Estação do Artesão, o Alto do Cruzeiro, lugares que demonstram a cultura e o acolhimento que a cidade tem a oferecer.

O setor imobiliário se tornou um dos mais importantes do interior do Estado, o setor teve um aumento significativo em chalés, privês e condomínios, gerando assim emprego e renda para a população local.

Desta forma chegamos a seguinte pergunta de pesquisa: **Qual a percepção dos artesãos de uma Organização da Sociedade Civil artesanal da cidade de Gravatá- PE em relação ao trabalho associado exercido?**

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar o trabalho associado numa Organização de Sociedade Civil artesanal da cidade de Gravatá a partir da percepção dos artesãos associados.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Descrever o perfil dos trabalhadores da Associação de Artesãos de Gravatá- PE;
- Compreender a história da Associação de Artesãos de Gravatá- PE a partir dos relatos dos associados;
- Identificar os motivos que levam os artesãos a se associarem;
- Caracterizar o trabalho associado na Associação de Artesãos de Gravatá- PE;
- Identificar as possíveis dificuldades do trabalho associado e identificar as possibilidades de melhorias propostas pelos artesãos associados.

1.2 Justificativa

O presente estudo busca propiciar aos artesãos envolvidos uma melhor percepção da importância do trabalho desenvolvido por cada um deles, bem como identificar as

dificuldades e deficiências no trabalho associado, e vislumbrar possibilidades de soluções para tais problemas.

Dessa forma, busca-se mostrar o quão importante é o trabalho do artesão para movimentar a economia local da cidade de Gravatá, tendo em vista que o trabalho artesanal é visto como gerador de rendas e sustento de famílias.

Em termos acadêmicos, a presente pesquisa busca contribuir para o enriquecimento dos estudos voltados ao artesanato, ao trabalho das OSC e ao trabalho associado, oferecendo embasamento para outras pesquisas na área.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Organizações da Sociedade Civil

Organizações podem ser definidas como processos, estruturas e relações administradas por pessoas, presentes numa sociedade, trazendo consigo alguma finalidade (SÁ, 2009). O autor complementa também que as organizações na sociedade contemporânea são fundamentais à vida, sendo encontradas por todos os lados, com diversas formas, tamanhos, natureza e atividades.

É considerada Organização da Sociedade Civil (OSC) toda e qualquer entidade que desenvolva projetos sociais com finalidade pública. Tais entidades são comumente classificadas como instituições do Terceiro Setor, uma vez que não proporcionam fins econômicos (OBSERVATÓRIO DO 3º SETOR).

Essa nomenclatura, entretanto, pode gerar desentendimentos, uma vez que as OSC apresentam inúmeras formas. Desse modo, entende-se como inapropriado o enquadramento das variadas organizações que surgem na sociedade civil num campo único, como ocorre com o termo “terceiro setor”, afinal, cada tipo de organização na sociedade civil tem características diferentes (SÁ, 2009).

Para Oliveira e Haddad (2011) em sua forma mais convencional, a sociedade civil possui estreita relação com o Estado e mercado. Numa compreensão mais atual, portanto, a sociedade civil e a OSC confundem-se para caracterizar o multifacetado no mundo das organizações formadas espontaneamente por cidadãos que atuam diante da carência de produtos e serviços que o Estado e o mercado não têm interesse de atender.

Ao final dos anos 70, na linguagem política vigente, sociedade civil passa a ser sinônimo de participação e organização da população civil do país contra o regime militar. A renovação desse cenário contou com movimentos sociais vindos de diversas camadas sociais. Com o declínio do regime militar, a autonomia da sociedade civil deixou de ser a luta fundamental para a construção de uma sociedade democrática, uma vez que foi retomada a democracia. Nos anos 90 foi inserida nos discursos oficiais a cidadania, tendo um novo significado voltado para a idéia de participação civil, responsabilidade social dos cidadãos, exercício de civilidade, por se tratar não apenas de direitos, mas também de deveres (SÁ, 2009).

A marca dessa retomada da democracia foi a Constituição Federal de 1988, que instituiu que o Brasil é um Estado Democrático de Direito. Em meio a esse cenário, Storto (2014) afirma que organizações da sociedade civil sem fins lucrativos passam a ser um elemento de crescimento nacional, na garantia do princípio da igualdade, nas perspectivas social e econômica, fazendo com que o cidadão construa sua dignidade.

Com o objetivo de desassociar a ação das entidades do Estado, o que se observa de maneira implícita no termo “organizações não governamentais”, as entidades se afirmam como resultado da organização independente da sociedade, com objetivos de promover e defender os direitos (SOARES, 2016).

Dados do IPEA 2017 (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostram um total de 394.900 OSCs encontradas no Brasil, dividindo-se pelas regiões Norte, com um total de 19.315 OSC, Nordeste com 87.506, Centro-Oeste com 25.171, Sudeste com 172.702 e Sul com 90.206, sendo elas associação privada, fundação privada e organização religiosa.

Sá (2009) elabora uma forma para visualizar e compreender os diversos tipos de organizações da sociedade civil, de maneira que não venha a categorizar estas organizações, mas sim com o intuito de obter uma melhor visão de suas diferenças. Desse modo, são apresentados de forma sucinta, os seguintes tipos: a) ONGs cidadãs; b) Novas ONGs cidadãs; c) Organizações do Terceiro Setor, se subdividindo em três tipos: Fundações e Institutos vinculados à empresa, De apoio à Responsabilidade Social Empresarial e ONGs com Perfil do “Terceiro Setor”; d) Associações, se dividindo em: Associações de classes e sindicatos e Associações de moradores e de preservação ambiental; e) Fundação de apoio a outras instituições; f) De caráter religioso; g) Solidárias/autoajuda; h) Recreativas; i) Agências financiadoras e ONGs internacionais.

Sá (2009) traz definições sobre diferentes perfis de ONG identificadas em seus estudos, sendo elas as ONGs cidadãs, com origem em movimentos sociais que atuaram no âmbito político conseguindo a queda do regime militar e a abertura política; as Novas ONGs cidadãs, que atuam nos mais diversos campos de discussões contemporâneas, voltadas para questões de gênero, meio ambiente, direitos humanos e minorias étnicas e sociais, para movimentos sociais; e por fim ONGs com perfil do Terceiro Setor, as quais tem negócios voltados para a ação social, de modo geral ações direcionadas a responsabilidade social empresarial.

As Organizações Não- Governamentais (ONG) alcançaram significativo crescimento no Brasil a partir da década de 1980, assumindo papel de destaque na sociedade. No início tais, organizações foram percebidas como iniciativas de apoio a causas específicas, baseadas

em trabalho voluntário e comprometidas com ideais de justiça e solidariedade (VERGARA E FERREIRA, 2005).

Assim, expandiu seu sentido para tratar novas maneiras de auto-organização na sociedade no uso do espaço público (SOARES, 2016).

Para Sá (2009) não se pode restringir as organizações da sociedade civil às ONGs, pois não tem uma espécie de organização denominada ONG no Brasil, mas se tem sim um reconhecimento supra legal, de cunho cultural, político e sociológico que vigora.

Para o autor:

Estas organizações, por natureza, não tem finalidade lucrativa, mas uma finalidade tida como “maior”, genericamente filantrópica, humanitária, de defesa de interesses que costuma ser de toda a população e que, historicamente, deveriam ser objeto de atividade do poder público (SÁ, 2009, p. 69).

Para Ferreira (2005) as ONGs no Brasil se desenvolveram a partir de alguns fatores: pela capacidade de organização da sociedade civil e pela realização de serviços sociais; pela valorização por parte do Banco Mundial e instituições internacionais; pelo suporte recebido pela iniciativa privada e facilidades para regulamentar as entidades sem fins lucrativos, fazendo assim com que a idéia de ONG se difundisse no país. Para o autor, dentro das teorias que explicavam o responsável pelo surgimento das ONG, se observou que após a Segunda Guerra Mundial houve a necessidade de criar mecanismos que viessem a fomentar outros países subdesenvolvidos. As ONGs se enquadram dentre as inúmeras organizações que formam o Terceiro Setor.

O Terceiro Setor, por sua vez, em linhas gerais, é o espaço ocupado especialmente pelo conjunto de entidades privadas sem fins lucrativos que realizam atividades complementar às públicas, visando contribuir com a sociedade na solução de problemas sociais e em prol do bem comum (OAB, 2007).

Entender o conceito de Terceiro Setor e o impacto do mesmo para a prática diária social brasileira atual é atividade que requer pensamento crítico sobre a pressuposição da sua autenticidade (FERREIRA; FERREIRA, 2006).

Para o BNDES (2001, p. 4):

O terceiro setor constitui-se na esfera de atuação pública não estatal, formado a partir de iniciativas privadas, voluntárias, sem fins lucrativos, no sentido do bem comum. Nesta definição, agregam-se, estatística e conceitualmente, um conjunto altamente diversificado de instituições, no qual se inclui organizações não governamentais, fundações e institutos empresariais.

O Terceiro Setor vem para demonstrar uma inter-relação entre as esferas, tendo como um objetivo amplo ideais voltados para a prestação de serviços em diversas áreas de atuação, saúde, educação, bem estar social, relacionadas à defesa dos direitos de minorias. Tendo

também abrangência no sentido do voluntariado, onde pessoas dedicam parte de tempo para ajudar o próximo.

Sá (2009) conceitua Organizações do Terceiro Setor como fundações e institutos vindos de grupos empresariais, e novas ONGs atuando em parceria, percebendo-se a mentalidade dos negócios incorporada na ação social, tendo o trabalho voluntário fortemente divulgado e a participação dos próprios funcionários da empresa. Como exemplo destas organizações, observa-se a Fundação Roberto Marinho, o Instituto C&A, a Fundação O Boticário, o Instituto Ethos, o GIFE (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas), o CDI e os Doutores da Alegria (SÁ, 2009).

As associações, por sua vez, são conceituadas pela OAB (2007) como uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, que se forma pela união de pessoas em prol de um objetivo comum, sem interesse de dividir resultado financeiro entre elas. Toda renda de suas atividades deve ser revertida para os seus objetivos estatutários.

A partir deste conceito, associação vem a ser bem mais que a união de pessoas, é a junção de várias visões em busca de um objetivo comum em meio à sociedade, conseguindo com essa união mostrar seu trabalho e alcançar seu reconhecimento.

Segundo Cardoso (2014) se entende que associação em seu sentido amplo é qualquer iniciativa formal e informal que engloba pessoas físicas e sociedades jurídicas, em busca de um mesmo objetivo, com intuito de gerar benefícios e superar adversidades. A associação é a maneira mais prática para se organizar juridicamente um grupo de pessoas para obtenção de objetivos comuns. Esse mesmo autor explica que associações reconhecem os princípios de uma doutrina conhecida como associativismo e que a mesma diz que juntos podem chegar a melhores soluções para problemas que a vida em sociedade apresenta.

Trigueiro e Santos (2012) diz que associação possui o mesmo sentido da palavra sociedade, porém designa uma entidade sem fins lucrativos. Assim pode ser entendida como toda agremiação ou união de pessoas com um objetivo determinado, podendo ser beneficente, jurídico, científico ou recreativo.

Dal Ri (2012) menciona que as OTAs (Organizações de Trabalho Associado) se caracterizam por ter uma autogestão dos empreendimentos, pela obtenção do excedente econômico ser advindo do trabalho cooperativo e pela propriedade ser coletiva.

Em empresas tradicionais a propriedade dos meios de produção é privada e geralmente o trabalhador encontra-se em condição de subordinação e exploração. Diferentemente visto nas OTAs, o trabalhador se vê numa relação de equidade e igualdade, sendo remunerados todos os associados. Neste tipo de organização, a propriedade pertence ao coletivo, os

associados são trabalhadores e proprietários simultaneamente (DAL RI, 2012). A partir do trabalho associado exercido, observa-se que existe a construção de uma autogestão, sendo uma forma de organização do trabalho, que faz com que cada associado possa expor sua idéia e que a organização como um todo consiga alcançar seus objetivos por meio de um consenso coletivo.

Para Gutierrez (1988) a autogestão se encontra em determinado local onde se ajustam diversos insumos para a produção e venda de bens e serviços, sem visar obrigatoriamente o lucro no sentido individual. Numa empresa autogerida todas as decisões são tomadas coletivamente, por meio de consenso, excluindo assim qualquer tipo de autoridade burocrática ou hierárquica.

O cotidiano de cooperativas e empresas autogestionárias e sua forte dependência com o mercado torna a mudança de conceito de empresa algo complexo, uma vez que estão inseridas direta ou indiretamente na dinâmica capitalista (LIMA, 2009).

Em síntese, associação é a união de pessoas em prol de um objetivo comum, sem que hajam fins lucrativos, com o intuito de alcançar reconhecimento e expor seu trabalho.

Perante a falta de compromisso do Estado de assegurar políticas públicas para os cidadãos, com perspectiva para o trabalhador e com a propagação da ideologia que torna a sociedade civil responsável pela questão social, compreendemos a fragmentação e o enfraquecimento das políticas sociais. Embora lutas sejam travadas pelas OSCs e tendo como conquista o financiamento de políticas sociais para a sociedade, é inegável que tais políticas são implementadas com foco para atender os desejos de seus financiadores (IPEA, 2011).

Tais parcerias significam como o Estado vai determinar que serviços sociais vão ser desenvolvidos. Sendo importante salientar que o desenvolvimento dessas ações é uma forma de terceirizar serviços oferecidos para a sociedade, o que se explica o interesse do governo em financiar tais instituições, por serem mais barato aos cofres os projetos temporários, do que a extensão de seus serviços e a admissão de funcionários (IPEA, 2011).

Dentre os principais desafios contemporâneos vivenciados pelas OSC, está a adequação ao Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (MROSC), uma agenda política vasta que tem o intuito de aperfeiçoar o ambiente jurídico e institucional voltado para as Organizações da Sociedade Civil e suas relações de parceria com o Estado.

As ações do MROSC fazem parte da agenda estratégica do Governo Federal que em conjunto com a sociedade civil, definiu três eixos orientadores, sendo esses: a contratualização, a sustentabilidade econômica e a certificação. Esses temas serão trabalhados tanto na dimensão normativa- com projetos de lei, portarias e decretos - quanto na dimensão

do conhecimento em estudos e pesquisas, publicações, seminários e capacitações, transmitindo informações sobre o universo das Organizações da Sociedade Civil (BRASIL, 2014).

A Lei 13.019/2014 trata das relações de parceria entre a administração pública e as OSCs. Foi publicada em 31 de Julho de 2014 e entrou em vigor em 23 de Janeiro de 2016, para a União, o Distrito Federal e os Estados. A nova lei vem no sentido de estimular as relações entre o poder público e as OSCs, fazendo com que as mesmas ampliem suas capacidades de atuação, incorporando assim muitas de suas pautas à agenda pública. As parcerias com o governo agora estão amparadas por regras claras e válidas pelo país, focando no controle dos resultados. As OSCs estão mais valorizadas com o marco legal próprio, sendo possível responder a altura de uma sociedade civil atuante que conseguiu se expandir nas últimas décadas (SECRETARIA DO GOVERNO, 2017).

Com a nova lei 13.019/14 um novo regime jurídico foi instituído de parcerias Estado/OSCs no âmbito nacional, com dois objetivos gerais: a colaboração, que está voltada para execução de políticas públicas contínuas nesta parceria e o fomento, que são ações de incentivo ou financiamento pelo Estado pelas ações desenvolvidas pelas OSCs (LOPEZ et al.2014).

Tal legislação foi resultado de uma vasta mobilização de vários setores da sociedade civil, juntamente com o Poder Executivo, por meio da Secretaria Geral da República, em busca de soluções para problemas referentes à insegurança jurídica em relação às parcerias, visando proporcionar condições mais favoráveis para mensuração das relações voltadas a transferência de recursos entre OSCs e o Estado (MENDONÇA; FALCÃO, 2015).

Apesar de extremamente relevante para as OSCs, o MROSC é um desafio para essas organizações. Compreende-se que entre as dificuldades para a concretização do MROSC estão as divergências em relação às normas instituídas, podendo dividir a capacidade para efetivação do novo regulamento jurídico e assim atrapalhar o processo de evolução da regulamentação (ALVES, 2016).

Dentre as divergências sobre o Marco, podemos observar duas fragilidades: de um lado a difícil aceitação da norma, o que pode enfraquecê-la, de outro lado, o surgimento de pontos polêmicos pode indicar falhas e vícios da própria norma, o que determinaria a obrigação do aperfeiçoamento na legislação. Importante citar que a insegurança jurídica levou várias ONGs a não estabelecer parcerias com a Administração Pública, por não ver clareza e coerência nas normas que esta impõe aos parceiros da Sociedade Civil (ALVES, 2016).

Para Alves (2016) na extensão das questões políticas, sociais e jurídicas que envolvem a efetivação do MROSC, encontra-se o desafio de reduzir divergências, fazendo com que a corrupção e a falta de políticas públicas, venham dificultar a regulamentação das OSCs. Vale

destacar que a efetivação do MROSC demonstra uma interdependência, pois para superação de problemas, ações positivas geram grandes impactos. A autora conclui que:

Por fim, como medida estratégica de implementação, a própria Lei nº 13.019/14 estabelece a necessidade de criação de um novo órgão federal para monitoramento do andamento das ações de implementação da lei, o que pode ser apontado como a medida central para efetivação do MROSC (ALVES, 2016, p. 51).

Conclui-se que a relevância da efetivação do MROSC é um grande passo na legislação brasileira, podendo ser justificada pelo desenvolvimento democrático do país, demonstrando assim que a aplicação da lei se torna essencial.

2.2 Artesanato

Os primeiros vestígios sobre artesãos e o artesanato surgiram no período neolítico (6000 a.C) quando o homem aprendeu a tecer fibras, a polir a pedra e fabricar cerâmica.

A palavra artesanato tem raiz na palavra arte e vem da palavra *artisanat* que possui origem francesa. Este trabalhador é chamado artesão, palavra que vem do termo *artigiano*, com origem italiana, significando operário da arte. É o poeta da arte manual. Os primeiros artesãos brasileiros foram os índios ao trabalharem manualmente com o barro, pena e madeira (SEBRAE, 2004).

No início do século XV diferentes ocupações foram desenvolvidas, iniciando novos modos de organização do trabalho. Com o desenvolvimento industrial, o artesanato entra em decadência e marginalização, passando a ser uma alternativa de trabalho ou de consumo para a população de menor poder aquisitivo, das periferias, de menores possibilidades econômicas (MENDES, 2010).

Para Maciel et al (2014, p.13) “artesanato é a forma de expressão cultural mais tangível que se pode citar, em seu estágio evolutivo, cria não só a identidade de um povo, mas também uma forma de expressar idéias e/ou opinar sobre fatos e acontecimentos de uma sociedade”.

Sobre o assunto Hage (2009, p. 63) diz que:

Os objetos de artesanato pertencem a um mundo anterior à separação entre o útil e o belo. “Essa separação é mais recente do que se pensa: muitas das peças que se encontram em nossos museus e coleções particulares pertenceram a esse mundo onde a beleza não era um valor isolado e autossuficiente” (...) utensílio, talismã, símbolo: a beleza era a aura do objeto, a consequência – quase sempre involuntária – da relação secreta entre sua feitura e seu sentido. A feitura: como está feita uma coisa; o sentido: para que está feita.

Com base nestes conceitos, Mendes (2010) explica que é possível compreender o artesanato como toda atividade produtiva que tem como resultados artefatos acabados, feitos

manualmente, sendo produzidos com a ajuda de instrumentos algumas vezes rudimentares. Desta forma, esses instrumentos que podiam ser uma agulha ou um pincel, não determinavam o processo, pois nesta produção o que importa é o fazer com as mãos. É o trejeito humano que vem determinar o ritmo da produção, quando o homem coloca sua marca no produto.

Na contemporaneidade, passou-se a observar um aumento no consumo de objetos feitos a mão, objetos que demonstram a identidade e a diferenciação, fatores relevantes que movem consumidores contra produtos rapidamente descartáveis, vazios de sentido e pouco significado (HAGE, 2009). Mendes (2010) cita que o sucesso e o renascimento do artesanato estão diretamente ligados à globalização, por intermédio dos meios de comunicação, principalmente a internet, que conseguiu ligar pessoas com o mesmo interesse, fazendo com que os artesãos e consumidores se encontrassem.

Canclini (1982) explica que existem quatro tipos de consumo do artesanato, sendo eles: prático, cerimonial, suntuário e estético ou decorativo. O prático está voltado para o consumo da vida cotidiana como roupas e baixelas; o cerimonial voltado para práticas religiosas ou festivas; o suntuário está relacionado ao consumo em setores de alto poder aquisitivo servindo de distinção social e o estético ou decorativo voltado para decoração em moradias.

Com isso, Canclini (1982) mostra que o artesanato, apesar de produzido por pessoas ligadas a uma realidade comum, como nas comunidades periféricas e marginalizadas, possui várias formas de consumo, realizadas por diferentes públicos.

Nesse sentido, o autor questiona sobre a quem pertence as peças de artesanato, se elas não pertencem aos artesãos, tão pouco aos consumidores, de quem seriam? Tal questionamento aponta para a multiplicidade de modificações que o capitalismo incorpora às culturas tradicionais, explica o autor.

No Brasil o Programa de Artesanato Brasileiro (PAB) foi criado com a finalidade de coordenar e desenvolver atividades que valorizam o artesão brasileiro, buscando elevar o nível cultural, social, profissional e econômico, buscando promover a empresa artesanal e o artesanato, demonstrando que o artesanato é um empreendimento. Quanto às políticas públicas do setor artesanal, o PAB tem a parceria dos órgãos federal, estadual e municipal, entidades privadas representantes do setor (SECRETARIA DO GOVERNO, 2013).

Uma parceria entre o Governo de Pernambuco e o PAB confecciona as carteiras do artesão, que permite a isenção de impostos e a identidade de sua ocupação. Nesse contexto, fica claro se entender que ações do governo voltadas para o artesanato acontecem para possibilitar a comercialização, pois com a isenção do imposto, o apoio a feiras, passa a gerar

condições para que os artesãos comercializem seus produtos (LORÊTO, 2016). Para a autora, as ações realizadas são voltadas apenas para o aspecto econômico, havendo uma preocupação demasiada com aspecto mercadológico e ocasionando uma falta de atenção ao artesão, não atendendo assim outras dimensões além da econômica. O PAB, apesar de estar voltado para o aspecto econômico, consegue elevar o nível do artesão, gerando desta forma renda e desenvolvimento local.

Para Santos (2012) a importância do artesanato para o desenvolvimento local pode ser vista em todas as partes. A procura por uma melhor condição de vida tem levado a sociedade a refletir sobre novos caminhos que podem seguir, conseguindo diminuir disparidades sociais que afligem grande parte da população, em especial as áreas periféricas. Nesse contexto representantes do poder público e órgãos de fomento, passam a estimular práticas relacionadas ao associativismo e para a colaboração entre governo, empresas e grupos de pessoas. Para o autor:

A construção dos conceitos de desenvolvimento local e políticas públicas é um processo amplo e de debate permanente como nova maneira de promover o desenvolvimento, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das comunidades, com capacidade de suprir suas necessidades imediatas, e de incrementar o intercâmbio externo por meio de ações comunitárias conjuntas.

É preciso conhecer o tipo da comunidade, pois sem conhecer sua realidade, se torna difícil entender quais caminhos a serem seguidos, bem como os agentes locais em meio ao processo. Observa-se a importância de entender os variados motivos, incentivos ou obstáculos para o desenvolvimento local, entender o papel do artesanato como propulsor do desenvolvimento em municípios que tem o artesanato como típico, uma vez que a identidade local ganha espaço para a execução de políticas públicas voltadas para o crescimento das regiões (SANTOS, 2012).

Entende-se que as manifestações culturais, como o artesanato, contribuem para o desenvolvimento local (MACIEL et al. 2014).

Nesse sentido, Maciel et al. (2014) afirmam que o artesanato consegue propiciar oportunidades de emprego, geração de renda e uma melhor qualidade de vida para determinada região. Entretanto, percebe-se que por não ser reconhecido devidamente, o alcance da qualidade de vida sugerido pelo autor pode ser questionado, por ser eminente a dificuldade de sobreviver apenas com os rendimentos provenientes do trabalho artesanal.

Ao longo dos anos, a junção de fatores étnicos, culturais, econômicos, sociais e ambientais permitiram a preservação de organizações sociais produtivas, de tecnologia

primitiva, como exemplo as organizações artesanais, numa sociedade globalizada (SILVA, 2006).

Silva (2006) argumenta que as organizações artesanais que se envolvem em um mesmo processo, têm suas vantagens e oportunidades relacionadas por ideais utópicos, e não voltados, exclusivamente, a espera de lucro. Observa-se que tais organizações têm como alicerce uma visão de mundo menos conservadora do que a dominante na sociedade atual, surgida no início da Revolução Industrial. Desse modo, entende-se que as mesmas não devem ser estudadas com base em padrões que guiam a discussão dos empreendimentos empresariais.

De maneira geral, os artesãos atuam guiados por fatores como influências regionais, meio social, influência familiar e a mistura de elementos marcantes regionais inseridos numa diferente cultura, que estão disponíveis para o trabalho e pelo comprometimento com a produção do começo ao término das obras. A forma de produção está ligada às influências de cada região e faz referência ao meio social e cultural em que se encontram. Além disso, na sociedade atual, os artesãos se identificam como trabalhadores diferentes, quanto à técnica utilizada no manejo das peças (VIEIRA, 2014).

Para Vieira (2014) o artesão revela que os produtos artesanais advêm de uma produção diferenciada, portanto as pessoas que adquirem tais peças se identificam com este tipo de produção predominantemente manual, exigindo assim maior atenção e tempo por parte do artesão na fabricação. Confirma-se que a identidade do trabalhador artesão foi montada ao longo da história, sendo formada por elementos culturais, sociais e laborais.

Conclui-se que o artesanato é algo importante na vida dos artesãos, mesmo não sendo possível sobreviver apenas da renda gerada por ele.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão discutidos os procedimentos metodológicos que foram realizados para alcançar os objetivos da pesquisa. A pesquisa é de caráter exploratória, com uma análise qualitativa, tendo por finalidade alcançar um maior detalhamento em relação ao tema, obtendo-se maior descrição em relação ao fenômeno estudado. A pesquisa qualitativa tem como característica o significado que cada entrevistado remete ao que está sendo pesquisado.

Nesse sentido, Godoy (1995, p. 62) afirma:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental. Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente, nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada.

Os atores envolvidos nesta pesquisa são artesãos, presidenta e tesoureira associados à Associação de Artesãos de Gravatá- PE. Os artesãos vendem e expõem suas peças na Estação do Artesão, sede da Associação, situada na Travessa Presidente João Pessoa, Centro, Gravatá mais precisamente localizada ao lado do Pátio de Eventos Chucre Mussa Zarzar.

Na foto abaixo, é possível visualizar a sede da Estação do Artesão, onde funciona a Associação.



Figura 1- Sede da Associação.
Fonte: A autora.

A Associação teve sua documentação regularizada no ano 2000 e no ano de 2002 passou a funcionar na Estação, onde se encontra até os dias de hoje. Atualmente a Associação conta com 26 artesãos associados, produzindo os mais variados produtos artesanais, como

peças em biscuit, bonecas da sorte, cestas de cipó, peças em barro, colchas de crochê, cadernos personalizados, enfim inúmeros produtos feitos manualmente.

Nas fotos abaixo, é possível visualizar os principais produtos comercializados.



Figura 2- Tipos de artesanato feito pela Associação.
Fonte: A autora.



Figura 3- Bonecas de pano.
Fonte: A autora.

Como método de coleta de dados, foi utilizada entrevista semi-estruturada, com a utilização de um roteiro contendo 20 questões (ver apêndice A), elaboradas para responderem os objetivos específicos propostos na introdução.

Na perspectiva de Trivinos (1987 p. 146) “podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses [...] oferecendo amplo campo de interrogativas [...]”.

As entrevistas ocorreram na sede da Associação, nos dias mais oportunos para cada entrevistado, dependendo do horário em que o mesmo estivesse disponível. Inicialmente, em 02 de Outubro de 2017 a pesquisadora esteve na Associação para fazer uma visita preliminar para apresentação do trabalho de pesquisa e para realização de uma entrevista exploratória com os artesãos. Cada artesão presente no dia consentiu em colaborar com o trabalho, contando um pouco de sua história na vida artesanal.

A pesquisa exploratória ocorreu de maneira tranqüila, e a pesquisadora esteve durante toda a semana fazendo as visitas, conseguindo assim conversar com 12 artesãos. Nessa primeira abordagem da pesquisa foram levantadas questões simples para ajudar a conhecer o perfil dos associados, como idade, escolaridade, estado civil, renda familiar, dentre outras questões voltadas ao artesanato (ver apêndice B). Tal pesquisa exploratória serviu para entender melhor como funcionam as atividades na Associação, quais peças são comercializadas, quantos artesãos fazem parte da Associação, e enfim definir qual seria o caminho de estudo usado neste trabalho.

A associação hoje conta com 26 associados, desses apenas 11 (dentre eles, a presidente e a tesoureira) concordaram e estiveram disponíveis em participar das entrevistas semi-estruturadas, posteriores à etapa exploratória descrita acima. Tais entrevistas, aconteceram entre os dias 16 e 25 de Maio de 2018, nos horários escolhidos pelos entrevistados. Os demais artesãos que não puderam participar das entrevistas semi-estruturadas só estão associados e não participam de forma ativa na associação. Para entender melhor como se deu as entrevistas, o quadro abaixo foi elaborado.

Entrevistados	Função	Data da entrevista	Tempo de duração	Total de entrevistados
Entrevistado 1	Artesão	16/05/2018	9 min e 30 s	1
Entrevistado 2	Artesão	16/05/2018	8 min e 42 s	1
Entrevistado 3	Artesão	17/05/2018	10 min e 12 s	1
Entrevistado 4	Artesão	18/05/2018	10 min e 22 s	1
Entrevistado 4	Artesão	22/05/2018	7 min e 30 s	1
Entrevistado 5	Tesoureira	22/05/2018	7 min e 12 s	1
Entrevistado 6	Artesão	22/05/2018	8 min e 03 s	1
Entrevistado 7	Artesão	23/05/2018	7 min e 15 s	1
Entrevistado 8	Artesão	23/05/2018	9 min e 34 s	1

Entrevistado 9	Presidente	24/05/2018	12 min	1
Entrevistado 10	Artesão	25/05/2018	11 min e 11 s	1
Entrevistado 11	Artesão	25/05/2018	10 min e 09 s	Total 11

Quadro 1- Entrevistados, funções, data, duração das entrevistas.

Fonte: Autoria própria.

No geral, as entrevistas tiveram duração de 7 a 12 minutos, com o consentimento de cada artesão para que fosse gravada cada entrevista, de tal forma conseguindo fazer uso de todas as informações sem perder nenhum trecho da mesma.

Todas as entrevistas foram transcritas com atenção, sem deixar de lado nenhuma palavra ou trecho das mesmas, produzindo desta forma 30 páginas de entrevistas transcritas.

Para fazer a análise, foi utilizada a análise temática de Bardin (2011), que se divide em 3 etapas: a pré- análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, alocando aos objetivos específicos da pesquisa.

A pré- análise começa a partir da leitura flutuante, que tem como objetivo o contato com os documentos analisados, assim gerando impressões sobre os mesmos (BARDIN, 2011). Na etapa seguinte de exploração do material, transformamos o que temos de informações retiradas de todo material e assim separamos em capítulos temáticos.

Chegando à etapa de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, Bardin (2011) diz que os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos, o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito à outras descobertas inesperadas.

Nessa pesquisa, os dados obtidos nas entrevistas foram categorizados de acordo com os temas que respondem aos objetivos específicos, conforme é possível observar na próxima seção.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo será apresentado o resultado obtido a partir da análise do material coletado nas entrevistas.

4.1 O perfil dos trabalhadores da Associação de Artesãos de Gravatá- PE

Nesta seção os resultados da pesquisa serão apresentados em categorias voltadas aos dados sociais e demográficos dos envolvidos na pesquisa, o que engloba cidade de origem, faixa etária, estado civil, gênero, escolaridade, renda mensal e atividade remunerada.

Do total de 11 entrevistados, todos têm como cidade de origem e atual a cidade de Gravatá- PE, um percentual de 100%.

Em relação à faixa etária dos entrevistados, a maioria está na faixa etária de mais de 50 anos, representado por 6 artesãos e um percentual de 54,54%. Dos demais entrevistados, 3 deles, que correspondem a 27,27%, estão na faixa etária entre 41 aos 50 anos. As demais faixas etárias apresentam o total de 1 artesão, com percentual de 9,09%, entre 36 aos 40 anos e 1 artesão, com percentual de 9,09% entre 20 aos 25 anos. Para melhor entendimento vejamos o quadro abaixo.

Faixa Etária	Total
20 aos 30	1
31 aos 35	-
36 aos 40	1
41 aos 50	3
Mais de 50	6

Quadro 2- Faixa etária dos artesãos.

Fonte: Autoria própria a partir dos resultados obtidos.

Quanto ao estado civil dos entrevistados, podemos observar que 6 deles são casados, o que demonstra um percentual de 54,54%, 3 são solteiros, o que corresponde a 27,27%, 1 deles viúvo, que corresponde a 9,09%, 1 preferiu não responder, correspondente a 9,09% e nenhum dos entrevistados enquadrou-se na categoria divorciado(a) e união estável. Vejamos o quadro abaixo.

Estado Civil	Total
Solteiro (a)	3

Casado (a)	6
Divorciado (a)	-
Viúvo (a)	1
União estável	-
Não respondeu	1

Quadro 3- Estado civil dos artesãos.

Fonte: Autoria própria a partir dos resultados obtidos.

Em relação aos entrevistados, 10 são do sexo feminino, um percentual de 90,90% e somente 1 do sexo masculino, o que equivale a 9,09%. Podemos observar um dado interessante devido a diferença significativa sobre a maioria ser do sexo feminino. Vejamos o quadro abaixo.

Gênero	Total
Feminino	10
Masculino	1

Quadro 4- Gênero dos artesãos.

Fonte: Autoria própria a partir dos resultados obtidos.

Em relação à etnia, 8 artesãos entrevistados afirmaram serem brancos: um percentual de 72,72%, e 3 pardos, com percentual de 27,27%, como é possível observar no quadro.

Etnia	Total
Branco (a)	8
Pardo (a)	3
Amarelo (a)	-
Negro (a)	-
Indígena	-

Quadro 5- Etnia dos artesãos.

Fonte: Autoria própria a partir dos resultados obtidos.

Quanto ao grau de escolaridade dos entrevistados, podemos observar que a maioria, ou seja, 5, possuem o Ensino Médio Completo que corresponde a um percentual de 45,45%, 3 deles possuem o Ensino Superior Completo, o que corresponde a um percentual de 27,27%, 2 o Ensino Fundamental Incompleto, com percentual de 18,18%, e apenas 1 o Ensino Fundamental Completo, com percentual de 9,09%. A partir desses dados podemos afirmar que em pouco a escolaridade influenciará o trabalho exercido por esses artesãos, visto que o

trabalho manual não depende somente da escolaridade, mas também de habilidades e condições dadas ao artesão. Podemos ter uma visão melhor pelo quadro abaixo.

Escolaridade	Total
Analfabeto (a)	-
Ensino Fundamental Completo	1
Ensino Fundamental Incompleto	2
Ensino Médio Completo	5
Ensino Médio Incompleto	-
Ensino Superior Completo	3
Ensino Superior Incompleto	-

Quadro 6- Grau de escolaridade dos artesãos.

Fonte: Autoria própria a partir dos resultados obtidos.

Conforme podemos observar a partir das entrevistas, 6 entrevistados declararam ganhar apenas um salário mínimo ao mês, que dá um percentual de 54,54%, 2 deles declaram receber dois salários mínimos, com percentual de 18,18%, 1 declara ganhar dois salários mínimos e meio ao mês, com percentual de 9,09%, 1 declara ganhar quatro salários mínimos ao mês, com percentual de 9,09%, visto que o mesmo exerce outra atividade remunerada. Podemos entender a partir dos dados, que a maioria deles ganha apenas um salário mínimo ao mês, uma vez que a atividade artesanal demonstra não ser algo tão lucrativo para os artesãos, a renda mensal aumenta quando os mesmos exercem uma atividade remunerada extra. Vejamos o quadro abaixo.

Renda mensal aproximada	Total
1 salário mínimo	7
2 salários mínimos	2
2 salários mínimos e meio	1
4 salários mínimos	1

Quadro 7- Renda mensal aproximada dos artesãos.

Fonte: Autoria própria a partir dos resultados obtidos.

Dentre as entrevistas, os artesãos foram questionados se são responsáveis pelo sustento familiar. Destes, 6, que equivale a 54,54% declararam serem responsáveis pelo sustento familiar e 5 deles, que equivale a 45,45% não são os responsáveis. Vejamos no quadro abaixo.

Responsável pelo sustento familiar	Total
Sim	6

Não	5
------------	----------

Quadro 8- Responsável pelo sustento familiar.

Fonte: Autoria própria a partir dos resultados obtidos.

Através da entrevista conseguimos indicar quantos entrevistados exercem outra atividade remunerada, além da associação. Vimos que 6 entrevistados, um percentual de 54,54%, não exercem outra atividade. Dos demais, 3 deles, com percentual de 27,27%, exercem a profissão de professor, 1, com percentual de 9,09% de vendedor de cosméticos e 1, com percentual de 9,09% de costureira. Vejamos o quadro abaixo.

Outra atividade remunerada	Total
Sim	6
Não	5

Quadro 9- Outra atividade remunerada exercida pelos artesãos.

Fonte: Autoria própria a partir dos resultados obtidos

Concluindo os dados expostos acima, conseguimos chegar ao objetivo proposto de montar um perfil socioeconômico dos associados.

Concordamos com Mendes (2010) quando ele afirma que o artesanato é compreendido como uma atividade produtiva, tendo como resultado peças feitas manualmente e artefatos acabados. Maciel et al (2014) vê o artesanato como uma expressão cultural tangível, que existe para expressar idéias. Os artesãos da pesquisa trabalham manualmente suas peças, assim conseguindo demonstrar ao seu público o quão minucioso e detalhista é seu trabalho, o quanto trabalhar com a arte exige amor e conhecimento no que está sendo feito.

O artesanato traz consigo oportunidades, como emprego e conseguinte geração de renda, proporcionando uma melhor qualidade de vida (MACIEL et al, 2014). Entretanto, conforme exposto no referencial teórico desse trabalho, acreditamos que, economicamente, o artesanato não consegue oferecer qualidade de vida uma vez que o mesmo não consegue gerar uma renda satisfatória ao artesão. As seguintes falas evidenciam a importância atribuída ao artesanato pelos artesãos, e a dificuldade em sobreviver somente dessa atividade:

Bom, além, de gerar uma renda extra, é uma forma de expressar a arte, assim porque fazer artesanato você tem que não só pensar no dinheiro né, você também tem que gostar de fazer, porque nem sempre tem vendas, nem sempre a renda é boa (Entrevistado 2).

Olhe o artesanato de início ajudou muito, desses anos pra cá nessa crise também a queda foi grande, não tá dando mais pra sobreviver só dele não, ta sendo só um complemento (Entrevistado 3).

Significa renda pra mim, há mais de dez anos que trabalho com artesanato (Entrevistado 5).

Assim como te falei... pra complementar a renda e assim é uma coisa que eu gosto de fazer (Entrevistado 8).

A partir destas falas se tornou evidente que a dimensão econômica ainda é algo importante para os artesãos. O Entrevistado 2 vê esta dimensão econômica como algo a mais, mas não como o motivo principal para exercer essa atividade, pois na opinião do mesmo nem sempre a renda é boa.

Em seguida, ainda descrevendo o perfil dos artesãos, estes foram questionados sobre quais habilidades são necessárias para trabalhar como artesão. Para que o artesão possa alcançar sua identidade, o mesmo necessita ter habilidades inerentes ao trabalho manual, uma vez que se busca produzir a melhor peça. Entendemos então quais habilidades nas seguintes entrevistas:

Muita paciência, muito amor pelo que faz e gostar, porque isso aqui cada obra que a gente faz é como se fosse nosso filho, muito interessante se você não gostar, se você for fazer só por necessidade porque você precisa você não faz uma peça bonita [...]. (Entrevistado 1).

É do meu ponto de vista, ter delicadeza, ter senso crítico, porque não adianta você fazer e pensar vou fazer tal peça porque eu acho bonita, também tem que pensar no seu público, você deve pensar também em fazer peças que vá agradar não 100%, mas agradar digamos mais de 50% do público que a gente quer atingir (Entrevistado 2).

Podemos, a partir da fala do Entrevistado 2, entender que este artesão tem uma visão mais mercadológica, diferenciando-se dos demais, pois o mesmo pensa como produzir suas peças com foco em seu público alvo e o que fazer para alcançá-lo. Este entrevistado possui uma formação superior, formação essa na área pedagógica, mas que demonstra que ele tem uma visão de negócio diferenciada dos demais associados. Seguem abaixo outras falas referentes às habilidades vistas como importantes para os artesãos:

A arte, a arte em si (Entrevistado 4).

Na minha opinião em primeiro lugar gostar, ta sempre se aprimorando, renovando, fazendo cursos, é pra cada vez mais ta melhorando o trabalho. Porque assim, vou fazer um artesanato, coloco qualquer coisa lá pra vender, eu acho que ser artesão não é isso. É trabalhar, é criar, é ter criatividade (Entrevistado 9).

A partir dessa fala evidenciamos o quanto é importante a busca pelo conhecimento e pela inovação. Mendes (2010) diz que o renascimento e o sucesso do artesanato está relacionado à globalização, por meio da internet, aproximando assim artesãos e consumidores. Faz-se importante falar da importância dada por este entrevistado à questão de estar sempre em busca do profissionalismo e do aprimoramento. Todo artesão deve sempre buscar o que há de mais inovador na sua área de atuação, para não ficar para trás dentro de um mercado tão competitivo. A inovação e a busca pelo novo têm chegado também ao artesanato.

4.2 A história da Associação de Artesãos de Gravatá - PE a partir dos relatos dos associados

Os resultados desta seção estão relacionados à compreensão da história da própria associação e de cada associado. Para Vieira (2014) os artesãos são guiados por muitos fatores que os influenciam, como o meio social, a família, a região e por vezes por alguns elementos encontrados na cultura, fatores esses que são usados na formação das peças.

As próximas falas demonstram isso, quando perguntados sobre sua história na Associação:

Eu entrei através da minha mãe que hoje ela é a presidente, meus irmãos que também trabalhavam com artesanato aqui e por eu tá sem fazer nada em casa, começaram a inventar umas coisas, coisas pequenas, aí fui ficando e tô até hoje (Entrevistado 8).

Quem entrou foi minha mãe primeiro há cerca de quinze anos, e então ela entrou aqui, ela que começou a fazer biscuit que é o trabalho que a gente faz. Daí ela trabalhava com outras coisas, daí eu vim fazer horário, foi daí que me interessei e fiquei fazendo também (Entrevistado 2).

A partir das falas acima, nos deparamos com o fato de que muitos afirmam estarem na Associação devido ao incentivo de familiares que já estavam na mesma organização. É importante mostrar que tal atividade manual consegue reunir gerações, trazendo familiares para fazerem parte da mesma Associação, conseguindo assim dividir experiências e aprendizados com o trabalho artesanal.

Os artesãos também foram questionados sobre o que eles conheciam da história da própria Associação. Partimos do princípio de que as associações se formam da união de pessoas em busca de um objetivo comum, sendo pessoa jurídica de direito privado e sem fins lucrativos (OAB, 2007). Evidenciamos os seguintes relatos dos artesãos demonstrando como cada um deles conhece a Associação, a partir de diferentes versões e histórias, deixando claro que cada um deles conhece uma parte dessa história.

Começou não era nesse espaço, era na “Antiga Cadeia” um grupo de artesãos se reuniu, tendo como a primeira presidente Sandra e se juntou a ela e vários outros artesãos e começaram a colocar lá, aí na época do prefeito Sebastião, aqui era uma biblioteca, a biblioteca saiu e ele colocou os artesãos pra cá. Daí começou a entrar gente, mudou várias vezes de presidente, foi feito o estatuto, homologada a associação e ta aqui até hoje (Entrevistado2).

Quando eu vim pra essa associação ela já existia, ela começou nuns banquinhos, fizeram uma reunião lá no Círculo Operário, onde prédio era emprestado e fizeram uma reunião e fundaram a associação, só que pra os artesãos expor as peças começou tendo uma feirinha. Aí depois com o tempo que foi na época do prefeito Sebastião abriu isso aqui. Agora se você me perguntar a data eu não sei dizer (Entrevistado 3).

A associação em si ela já tem dezessete anos, porque quando veio pra cá, ela já existia e tava meio parada, então Josivan que eu digo que ele é o fundador da

associação, pegou os documentos que estavam lá parado e botou em prática, renovou tudinho, Nós temos estatuto, contador, nós temos tudo, então foi ele que botou em prática e começou a funcionar em 2000. Então quando foi em 2002 foi quando ela veio pra cá, eu vim em 2003, em 2002 foi quando Sebastião se candidatou como prefeito e foi eleito, então ele precisava de quatro pontos turísticos pra poder entrar na rota do artesanato, na Lei de Diretrizes Orçamentárias- LDO, então ele aprontou isso aqui, isso em Março de 2002 foi quando o artesão veio pra cá, ele deu pra ser a associação (Entrevistado 9).

Em meio às histórias ouvidas por conversas tidas com os artesãos, de forma não documentada, e algumas delas divergentes, conseguimos perceber alguns elementos importantes na história da Associação. A Associação de Artesãos de Gravatá teve seu início no Círculo Operário, espaço esse na cidade de Gravatá, que funciona uma pequena produção artesanal. Foi onde tudo começou, com alguns artesãos e pouco espaço para expor as peças. No ano 2000 o artesão chamado Josivan teve a iniciativa de regularizar toda a documentação da Associação e a por em prática.

Em 2002 foi quando a Associação passou a ter um espaço maior para o funcionamento, onde funcionava a Antiga Estação do Trem, que há tempos acolhia o trem que passava pela cidade. Como o espaço já estava desativado eles foram colocados pela prefeitura lá e onde se encontram até hoje. A partir daí passaram pela Associação vários artesãos, alguns ainda estão associados desde o começo e atualmente a Associação conta com 26 associados ao todo. Essa história foi montada a partir dos relatos de cada artesão, de maneira informal cada um deles conseguiu passar o que conhece da Associação.

Outros artesãos estão até o momento sem conhecer como a Associação surgiu, simplesmente chegaram e nunca buscaram saber mais da história.

Eu só entrei, mas nunca procurei saber não visse (Entrevistado 5).

Não conheço bem a história daqui, quando vim já estava nesse lugar (Entrevistado 7).

4.3 Motivos que levaram os artesãos a se associarem

Nesta seção serão abordados os motivos que levaram os artesãos a se associarem e para eles quais vantagens de ser um artesão associado por essa Associação.

A Associação de Artesãos vem como uma forma de unir forças para um bem comum, que seria a exposição e divulgação do trabalho artesanal desse grupo em específico, um grupo que tem como objetivo mostrar sua arte e cultura através do artesanato e nada melhor que fazer isso por meio dessa Associação.

Organizamos a próximas falas para demonstrar quais motivos os levaram a se associar.

Porque aqui tanta gente vende aqui, como também mostra o trabalho da gente né, que às vezes tem, mas tá escondido não adianta. Aqui a gente tem oportunidade

também de participar de feiras, a gente é chamado pra representações, a gente pode ir pra Fenearte através daqui, nem todo ano vai, mas se não tivesse associado não poderia, não teria acesso (Entrevistado 1).

A importância dessas feiras na vida do artesão é enorme, são nelas que cada artesão tem a oportunidade de mostrar seu trabalho e vender suas peças. Feiras como a Fenearte dão grande visibilidade para quem levar seus produtos para vender. Lôreto (2016, p. 25) atenta que para poder colaborar com as vendas das peças artesanais, os governos em suas diversas esferas promovem feiras para que aconteça a comercialização dos produtos. Em Pernambuco, algumas dessas políticas são geradas objetivando o emprego e renda das pessoas. Outros relatos reforçam ainda outras questões:

O espaço pra gente comercializar nossos produtos, porque a gente já tentou colocar lojinha na Rua Duarte Coelho, só que é muito caro lá, aí não vale a pena, como aqui o custo é mais baixo a gente só paga a mensalidade e faz os horários uma vez na semana só fica mais fácil. Em vez da gente só ficar vendendo em casa ou aos conhecidos, a gente resolveu colocar aqui como forma de expor e vender (Entrevistado 2).

Foi como falei antes, eu comecei a fazer umas coisas pequenas por ta em casa sem fazer nada, aí me associei e fiquei, e também é uma forma de vender minhas peças (Entrevistado 8).

Como falei, não tinha como eu ta divulgando meu trabalho, deixa em loja não era tão gratificante, aqui juntou o útil ao agradável, divulgação e venda (Entrevistado 6).

Após estas falas podemos entender que dentre os principais motivos levados aos artesãos associarem-se está o baixo custo para poder expor suas peças, uma vez que alugar um ponto comercial na cidade é algo caro e termina não sendo lucrativo, pois na Associação só é pago uma taxa de R\$ 30, 00 reais. Outro motivo está em poder expor as peças num local voltado para o artesanato. O trabalho exposto no espaço tem sua fabricação de forma domiciliar, sendo produzido e levado para comercialização na Estação. Em sua maioria, esses artesãos têm a Associação como mais uma forma de exposição para as peças, pelo fato de também trabalharem com encomendas.

Também observamos as seguintes respostas sobre quais vantagens de ser associado por essa Associação. Fazer parte dessa associação traz inúmeras vantagens para cada artesão, desde a divulgação até a valorização do trabalho manual feito por cada um deles:

Reconhecer o trabalho, ter chance de participar de eventos, feiras, através daqui a gente se associa e ganha oportunidades (Entrevistado 1).

Tem já vai ter a renda, já vai ganhar um pouco com as vendas no varejo e divulga né. Vim pegar mais conhecimentos depois que entrei na associação, porque você fabricar um negócio em casa sem ter uma loja pra divulgar, você não desenvolve em canto nenhum. Tem que ter peças expostas é vantagem também porque aqui a gente paga uma taxa simples entendeu, porque alugar um ponto no comércio não compensa (Entrevistado 3).

Olha fica mais valorizada as peças, a gente é visto com outros olhos, é muito bom se associar, além de ta ajudando a cidade (Entrevistado 4).

Esta fala nos mostra como o artesão passar a ter seu trabalho mais valorizado quando está trabalhando na Associação. Para eles, fazer algo em casa e vender para pessoas mais próximas ou amigos não é algo tão lucrativo ou que dá mais exposição ao seu trabalho. Estando na Associação eles conseguem de alguma forma agregar mais valor ao produto e dar maior visibilidade ao artesanato produzido na cidade, como diz o entrevistado 11:

A vantagem é que aqui de uma forma ou de outra está divulgando e mostrando o nosso trabalho, vendendo só em casa ou ao pessoal do trabalho ainda é pouco que você vende, aqui expõe as peças (Entrevistado 11).

Entende-se que o espaço que funciona na Estação proporciona aos associados uma maior exposição e divulgação do trabalho exercido por eles. O lugar possibilita maior valorização do artesanato e da cultura expressa nas peças.

4.4 O trabalho associado na Associação de Artesãos de Gravatá- PE

Foi questionado aos artesãos como é feito o trabalho da Associação, principalmente no que se refere à administração. A partir desse questionamento, pudemos observar que tais questões foram respondidas de formas genéricas ou superficiais pela maioria dos artesãos, nos deixando claro que poucos se envolvem na gestão da associação. Desse modo, buscamos entender melhor essa questão a partir de entrevista com a tesoureira e a então presidente da Associação.

Aqui tudo é registrado, tem ata, tem registro, tem tudo e tem Dona Fátima que é a presidente, tem a tesoureira, tem tudinho, o que vende é anotado tanto no dinheiro como no cartão ou no cheque, a gente não pega em dinheiro aqui. Todo associado tem uma conta no SICOB e ela Dona Fátima que divide o dinheiro de todo mundo, cada um vai pra sua conta e paga a porcentagem do mês que é R\$ 30,00 reais. Na divisão das tarefas são quatro artesãos por dia, dois em cada horário e tem o rodízio do domingo. Aqui cada um cuida do que é seu, espana, varre, tinha uma pessoa que fazia essa limpeza, mas foi tirada por não ta adiantando muito, aqui empoeira demais e ela só vinha uma vez na semana, aí a responsabilidade de tudo fica com Dona Fátima, ela dá conta de tudo (Entrevistado 1).

Cada um tem que cumprir seus horários, anteriormente tinha uma moça que fazia a limpeza, só que terminou saindo, aí a gente mesmo que faz a limpeza cada artesão tem seu espaço, cada um faz sua limpeza e no geral Dona Fátima que vem ajudar bastante e que faz a limpeza maior de varrer. Nas outras coisas de administração e financeiro tudo é resolvido com Dona Fátima e a tesoureira, quem dá a última palavra é ela (Entrevistado 2).

Cada artesão faz seu horário aqui, são dois por horário. Sobre a gestão é assim; a diretoria é formada por cinco pessoas, eu a presidente, o vice- presidente, a tesoureira, o primeiro secretário e o segundo secretário. Então, a tesoureira toma conta do financeiro da associação, que é a taxa dos R\$ 10,00 reais que o associado paga e a taxa de R\$ 20,00 reais que é pra manutenção da loja. A Associação quase não tem despesa, a gente só divide as contas pra ficar mais maneiro o trabalho pra que uma pessoa só não ficasse com todo o trabalho, a despesa da Associação é com contador, com bombeiro e às vezes outras taxas que eles cobram. Agora água,

embalagem, papel de presente e toda outra coisa que a gente for fazer aqui que vá gastar, é da taxa da estação de R\$ 20,00 reais. O trabalho financeiro que eu tomo conta é bem mais trabalhoso. Temos duas contas no banco, a da Estação e a da Associação que é onde entra o dinheiro das vendas em cartão (Entrevistado 9).

A partir dos relatos acima, podemos perceber o quanto a organização da Associação se dá de uma forma centralizada, a cargo da então presidente. A partir dos relatos dos entrevistados, conseguimos entender como se dá a administração da Associação. Na diretoria, mesmo sendo formada por cinco pessoas como foi citado na fala do Entrevistado 9, tudo passa pelas mãos da presidente, todo trabalho burocrático é feito por ela, dividido em partes mais práticas para fazer e só assim é passado para os demais da direção. A presidente faz toda divisão de todas as vendas realizadas pela Estação como as vendas à vista, vendas no cartão de crédito, vendas no cartão de débito e só depois de toda divisão os valores são passados para a tesoureira e assim a mesma faz o depósito nas contas de cada artesão. Em relação às atividades dentro da Estação voltadas à organização e limpeza, a tentativa que se faz é que cada artesão, no seu horário, organize o espaço, mas na realidade, a presidente vem todas as manhãs e faz essa parte da organização também.

Todo final de mês acontece uma reunião para ser feita a prestação de contas, nela participam a diretoria e alguns artesãos que estejam disponíveis para participar. Toda e qualquer decisão que seja necessário ser tomada em relação à Estação e à Associação é tomada, por meio de votação.

Para Gutierrez (1988) numa empresa caracterizada autogestionária as decisões são tomadas de forma coletiva, por consenso dos envolvidos, não havendo nenhum tipo de autoridade ou hierarquia. Com a autogestão se consegue ajustar tanto insumos para produção como venda de bens e serviços, sem que haja um lucro individual. Entendemos então que a Associação não se enquadra como sendo autogestionária, partindo do entendimento de que existe uma diretoria que centraliza em si o poder de decisão. Se existe uma presidente, a mesma não pode ser caracterizada como auto-gestionária, uma vez que as decisões antes de irem a pauta para votação, passam primeiro pela presidente, o que demonstra que os demais não exercem o mesmo poder sobre as decisões.

4.5 Dificuldades no trabalho associado de artesãos em Gravatá- PE

Organizando as entrevistas, foi possível compreender a realidade destes artesãos em relação à dificuldade e problemas vivenciados pelos mesmos em relação ao trabalho artesanal e o artesanato. A seguir são expostas as dificuldades percebidas pelos artesãos.

A gente faz o que pode pra manter aqui a Associação de pé, mas o que falta mais é apoio dos órgãos públicos, assim divulgação, ajudar a gente em eventos por exemplo. Não temos muito suporte, a maioria das coisas somos nós mesmos que bancamos, como aqui vai ter desenvolvimento se não tem apoio nem divulgação (Entrevistado 1).

Divulgação que não temos e apoio da prefeitura. Eles falam tanto de desenvolvimento de cultura na cidade, mas esquecem de apoiar os que estão aqui. A gente usa nosso próprio dinheiro pra fazer as coisas aqui, muito mal eles pagam a luz, a gente precisa de segurança, não temos nem um telefone (Entrevistado 5).

Deveria haver mais divulgação, ter a participação em feiras, ser ofertado cursos e seria importante ter um segurança aqui. A gente só a prefeitura que a cidade tá se desenvolvendo, mas não dá suporte ao artesanato que é bem conhecido aqui (Entrevistado 11).

Ao final dessas falas fica evidente as principais dificuldades encontradas pelos artesãos. Podemos destacar a falta de apoio e divulgação da Associação por meio dos órgãos públicos, pois nas entrevistas foi unânime esse problema. Santos (2012) evidencia o quanto é importante o artesanato para o desenvolvimento local, a busca por uma melhor condição de vida, tem caminhado para que a sociedade possa ir em busca de inúmeros caminhos, com o intuito de reduzir as desigualdades sociais. Faz-se importante entender o papel do artesanato no desenvolvimento local, fazendo com que a identidade local abra espaço para a realização de políticas públicas voltadas para o crescimento da região.

Fazendo uma comparação com a definição do autor, a cidade de Gravatá está sempre em busca de levar o desenvolvimento até a cidade, mas por sua vez seus governantes dão ênfase a determinados segmentos e assim deixam descobertos outros, como é o caso da Associação dos Artesãos. A prefeitura estimula e divulga o turismo e a cultura da cidade, mas evidenciam bastante o Mercado Público da cidade, espaço que não oferece toda a cultura gravataense, deixando de lado o trabalho desenvolvido pelos artesãos que expõem seus produtos na Estação.

Sobre essa falta de apoio do poder público, recorrentemente apontada pelos artesãos, o Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil- MROSC se mostra uma alternativa interessante, pois tendo como Lei 13.019/14, que entrou em vigor em Janeiro de 2016, vem tratar das relações de parceria entre o Estado e as OSCs, estimulando as relações entre o poder público e as OSCs, conseguindo desta forma que as mesmas ampliem sua atuação (SECRETARIA DO GOVERNO, 2016). Lopez et al (2014) complementa que com a chegada dessa nova lei tais parcerias alcançaram âmbito nacional, tendo como objetivo a colaboração e fomento nesta parceria.

Apesar do potencial desse marco, percebeu-se que nenhum dos entrevistados tinham conhecimento sobre o termo MROSC, ponto esse que pode vir a ser algo negativo para a

Associação em âmbito geral, pois parcerias com o poder público podem ser algo favorável para os envolvidos, uma vez que a Associação se engloba dentro das organizações da sociedade civil. Tais ações de parceria poderiam ser favoráveis por trazer possibilidades para geração de atividades de fomento na associação, através dos recursos públicos.

4.6 Identificar as possibilidades de melhoria propostas pelos próprios artesãos associados

Partindo da afirmação de Santos (2012) é necessário entender o tipo de comunidade que se está inserida, pois sem conhecimento daquela realidade, passa a ser difícil compreender qual o caminho que deve ser seguido, buscou-se soluções, junto aos artesãos para os problemas percebidos. Pode se compreender melhor a partir das falas a seguir:

Ter mais comunicação mesmo, mas como eu digo, eu não conheço todos os associados. Uma maior participação, estarem pelo menos nas reuniões pra que um conheça o outro, eu só conheço os artesãos do meu dia que faço horário, quando a gente troca os horários aí eu conheço outros. Só vejo todos na festa de confraternização, porque nas reuniões só vem 10 ou 15 associados (Entrevistado 1). Assim nas reuniões que tem Dona Fátima sempre dá um toque, que as pessoas se envolvam mais, que nos seus horários cada um assuma sua responsabilidade de cuidar, de zelar, de conservar, mas nem todos se envolveram ainda (Entrevistado 4).

Fica entendida nessas falas a existência de problemas internos na Associação. Os artesãos percebem que uma maior participação dos associados faria uma grande diferença, participação no sentido de comparecer às reuniões, se fazer mais presente nas votações, fazer sua parte no horário que está na Associação, organizando o ambiente e a limpeza, uma vez que pequenas atitudes geram benefícios para todos.

Também foi possível observar que existem aqueles que vêem outras possibilidades de melhorias que estão mais voltadas para o apoio do poder público.

Ter mais apoio dos órgãos públicos, apoio mais não só a estação, mas também ao artesão, há pouco apoio ao artesão (Entrevistado 2).

Divulgação, menos burocracia, o que precisa numa associação é capital de giro, muitos artesãos aqui não tem, ta se arrastando, pra que eles possam investir (Entrevistado 3).

Poderia ser feito tudo em questão financeira, apoio maior da prefeitura, maior divulgação, ter mais chance de participar de eventos fora, às vezes é impossível devido a justamente a dinheiro, porque artesão tem hora que não tem e só a associação pra arcar fica difícil (Entrevistado 6).

Ao final das entrevistas podemos entender a situação atual que a Associação está passando devido à falta de apoio por meio dos órgãos públicos. O incentivo a cultura e ao artesanato só traria retorno e benefícios ao município.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos ter alcançado os objetivos propostos pela pesquisa, contribuindo para se ter uma melhor visão sobre como se dá o trabalho associado dentro da Associação dos Artesãos de Gravatá.

Como forma de alcançar os objetivos mencionados no estudo, a pesquisa buscou inicialmente abordar os dados demográficos conseguindo assim descrever o perfil dos associados e em seguida conhecer mais afundo a relação deles com o artesanato.

A pesquisa nos fez conhecer o cotidiano desses artesãos, conhecer suas habilidades e talentos, ver o quanto são dedicados em trabalhar manualmente, conhecer suas dificuldades e entender como funciona a associação.

Percebemos que, na sua maioria, os artesãos declaram ganhar apenas um salário mínimo, além de acreditarem que, esse trabalho manual requer amor pela arte e não pelo dinheiro. Os artesãos que recebem mensalmente um valor maior que um salário mínimo geralmente exercem outro tipo de atividade remunerada.

Percebemos que a administração é exercida de forma centralizada na presidente da Associação. Uma vez que todo e qualquer acontecimento passa pela presidente, desde a parte financeira, administrativa e burocrática da Associação, como até a limpeza e organização do espaço ela se encarrega de fazer.

Por meio das entrevistas podemos ver de perto a dificuldade passada pela Associação uma vez que o poder público não apoia e não divulga o trabalho ali exercido, de acordo com os relatos dos artesãos, e isso enfraquece a vontade deles em dar continuidade a Associação, pelo fato de não ter reconhecimento dentro da própria cidade.

Os artesãos desse estudo não têm nenhum conhecimento sobre o MROSC, algo de grande relevância atualmente para as organizações da sociedade civil. A partir desta informação, seria de grande importância e ajuda uma palestra de caráter explicativo sobre o MROSC, sobre sua atuação e relevância do marco para as OSC, com a participação da diretoria e dos artesãos, fazendo com que o conhecimento possa chegar a todos.

Uma limitação observada na pesquisa foi o número de artesãos entrevistados, pois acreditamos que teríamos conseguido mais informações caso tivesse sido possível ter entrevistado 100% dos associados. Recomendamos que aconteçam pesquisas posteriores para entender a perspectiva do poder público em relação à situação relatada pelos artesãos de dificuldades em obter apoio dos órgãos públicos. Que esse estudo seja só o início para demais

pesquisas nesse âmbito, para mostrar o valor do trabalho manual feito por esses artesãos da Associação da cidade de Gravatá- PE.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Francisca Daniele da Silva. **Lei N° 13.019/14: Desafios para a Efetivação do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil**. Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, 2016.
- BNDES. Terceiro Setor e Desenvolvimento Setorial. **Relato setorial nº 03**. Julho de 2001.
- BRASIL. Secretaria Geral da Presidência da República. **Cartilha MROSC 2014**. Brasília. Disponível em: <http://www.participa.br/articles/publica/007/7965//MROSC2_Livreto_10x15.pdf>. Acesso em: 02 de jan. 2018.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CARDOSO, Univaldo Coelho. **Associação / Univaldo Coelho Cardoso, Vânia Lúcia Nogueira Carneiro, Édna Rabêlo Quirino Rodrigues**.- Brasília: Sebrae, 2014.
- CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. SciELO-Editora UNESP, 2005.
- DAL RI, Neusa Maria. Organizações de Trabalho Associado: uma nova tecnologia social? In: VILARTA, Roberto. **Qualidade de Vida e Novas Tecnologias**. Campinas: Ipes Editorial, 2007.
- FERREIRA, Marcelo Marchine; FERREIRA, Cristina Hillen Marchine. **Terceiro setor: um conceito em construção, uma realidade em movimento**. Anais da Semana do Contador de Maringá [Internet], 2006.
- FERREIRA, Victor Claudio Paradela. **ONGs no Brasil: um estudo sobre suas características e fatores que têm induzido seu crescimento**. Tese de Doutorado em Administração. Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa. Fundação Getúlio Vargas. 2005.
- GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, p.57-63. São Paulo, 1995.
- GUTIERREZ, Gustavo Luiz. Autogestão de empresas: considerações a respeito de um modelo possível. **Revista de Administração de Empresas**, v.28, n.2, p.7-19, 1988.
- HAGE, Fernando. Múltiplos Artesanatos. **IARA-Revista de Moda, Cultura e Arte, São Paulo**, v. 2, n. 1, 2009.
- IPEA. CODE, 2011. Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos. **Desafios Contemporâneos Acerca do Terceiro Setor e Serviço Social: entre o novo trato da questão e a negação da solidariedade de classe**. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area2/area2-artigo12.pdf>>. Acesso em: 03 de abr. 2018.
- Legislação - Observatório do 3º Setor. Disponível em:<<http://www.observatorio3setor.org.br/o-3-setor-2-legislacao/>>. Acesso em: 26 de jan. 2018.
- LIMA, Jacob Carlos. **Paradoxos do Trabalho Associado**. Tempo Social, v. 21, n. 1, p.113-132, 2009.
- LOPEZ, Felix Garcia; ABREU, Rafael. **A participação das ONGs nas políticas públicas: o ponto de vista de gestores federais**. Brasília: Ipea, 2014. (Texto para Discussão, n. 1.949).

Disponível em:
<http://www.participa.br/articles/public/0008/5677/ponto_de_vista_dos_gestores_federais.pdf
>. Acesso em: 02 de jan.2018.

LORÊTO, Myrna Suely Silva. **Políticas Públicas de Artesanato na Reprodução da Força de Trabalho dos Artesãos em Barro no Alto do Moura, Caruaru- PE**. 2016. 250 f. Tese de Doutorado. Departamento de Ciências Administrativas. Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE, 2016.

MACIEL, Betânia; CARVALHO, Cristiana Rodrigues; CONCEIÇÃO, Simone Maria da. **Mulheres do Barro: A produção do artesanato produzido pelas trabalhadoras rurais e seu impacto no desenvolvimento local, e definindo o impacto em âmbito mundial**, 2014.

Mapa das Organizações da Sociedade Civil - Ipea. Disponível em:
<<https://mapaosci.ipea.gov.br/>> Acesso em: 26 de dez. 2017.

MENDES, Rosângela. **Artesanato: 10 motivos para valorizá-lo**. 2010.

MENDONÇA, Patricia Maria E. ; FALCÃO, Domenica Silva. **Novo Marco Regulatório para a Realização de Parcerias entre o Estado e as OSCS - Organizações da Sociedade Civil: Inovação ou Peso do Passado?** 2015. Disponível em:<http://www.anepcp.org.br/redactor_data/20161128181141_st_02_patricia_maria_e_mendonca.pdf>. Acesso em: 08 de jan. 2018.

NEJM, Rodrigo. **As Organizações da Sociedade Civil como dispositivos de socialização: utilitárias, emancipatórias ou híbridas?** Salvador, ISTR y CIAGS/ UFBA, 2007.

OLIVEIRA, Anna Cynthia; HADDAD, Sérgio. **As organizações da sociedade civil e as ONGs de educação**. Cadernos de Pesquisa, v. 112, p. 61-87, 2001.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL. **Cartilha Terceiro Setor**. Comissão de Direito do Terceiro Setor. secção SP. 2. ed. 2007.

SÁ, Marcio Gomes. **Sobre organizações e outros escritos**. Olinda, PE: Livro Rápido, 2009.

SANTOS, Thiago de Souza. **Desenvolvimento Local e Artesanato: uma análise de dois municípios de Minas Gerais**. 2012. 129 f. Tese de Doutorado. Dissertação do Programa de Pós- Graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, 2012.

SEBRAE Nacional - **Programa Sebrae de Artesanato**. Março de 2004. Disponível em:<<http://www.gestaosocial.gov.br/conteudo/parceiros/comite-gestor-do-artesanato-baiano/documentos/Termo%20de%20Referencia%20Artesanato%20SEBRAE.pdf>>. Acesso em: 03 de fev. 2018.

SECRETARIA DE GOVERNO. **Manual sobre a aplicação do mrosc**. Disponível em:
<<http://www.secretariadegoverno.gov.br/.../manual-sobre-aplicação-do-mrosc-e-lancado-pela-secretaria-de-governo>>. Acesso em: 12 de dez. 2017.

SECRETARIA DE GOVERNO. Programa do Artesanato Brasileiro, 2013. Disponível em:<<http://www.secretariadegoverno.gov.br/micro-e-pequena-empresa/assuntos/programa-do-artesanato-brasileiro>>. Acesso em: 01 de mar. 2018.

SECRETARIA DO GOVERNO. **Entenda o MROSC – Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil**. Disponível em:<<http://portal.convenios.gov.br/noticias/entenda-o-mrosc-marco-regulatorio-das-organizacoes-da-sociedade-civil-lei-13-019-2014>>. Acesso em: 28 de dez. 2017.

SILVA, Heliana Marinho da. **Por uma teorização das organizações de produção artesanal: habilidades produtivas nos caminhos singulares do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas. Fundação Getúlio Vargas, 2006.

SOARES, Nicolau. **Tudo que você precisa saber antes de escrever sobre ONGs**. Disponível em: < <http://www.observatoriosc.org.br/publicacao/tudo-que-voce-precisa-saber-antes-de-escrever-sobre-ons/>>. Acesso em: 26 de dez. 2017.

STORTO, Paula Raccanello. **Liberdade de associação e os desafios das organizações da sociedade civil no Brasil**. Tese de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Direito. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 2014.

TRIGUEIRO, Francisco Mirialdo Chaves; SANTOS, Fagner Araújo dos. **Um estudo sobre o terceiro setor na cidade de Cuiabá-MT**. Convibra Administração, 2012. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/upload/paper/2012/40/2012_40_4884.pdf>. Acesso em: 02 de jan. 2018.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: <http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf,>. Acesso em: 25 de abr. 2018.

TURISMO DO NORDESTE. **Município de Gravatá**. 2006. Disponível em: <<http://www.turismodonordeste.com/gravata.htm>>. Acesso em: 09 de maio 2018.

VERGARA, S. C.; FERREIRA, V. C. P. ONGs no Brasil: expansão, problemas e implicações. **Revista Gestão & Tecnologia**, v.5, n.2, p.0-0, 2005.

VIEIRA, Gerusa Silva de Oliveira. **Artesanato: Identidade e Trabalho**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Faculdade de Ciências Sociais. Universidade Federal de Goiás, 2014.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Objetivo específico	Perguntas do roteiro
<p>- Descrever o perfil dos trabalhadores da Associação de Artesãos de Gravatá-PE;</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual sua idade? 2. Estado civil? 3. Sexo? 4. Etnia? 5. Grau de escolaridade? 6. Renda mensal aproximada? 7. Cidade de origem e atual respectivamente? 8. Você é responsável pelo sustento familiar? 9. Exerce outra profissão remunerada? Se sim, qual? 10. Qual o significado do artesanato para você? 11. Quais habilidades são necessárias para trabalhar como artesão?
<p>- Compreender a história da Associação de Artesãos de Gravatá- PE a partir dos relatos dos associados;</p>	<ol style="list-style-type: none"> 12. Conte-me um pouco da sua história dentro da associação. 13. Conte-me um pouco da história da própria associação.
<p>- Identificar os motivos que levam os artesãos a se associarem;</p>	<ol style="list-style-type: none"> 14. Quais motivos o levaram a se associar? 15. Quais as vantagens de ser um artesão associado por essa Associação?
<p>- Caracterizar o trabalho associado na Associação de Artesãos de Gravatá- PE (questões que permitam entender como é feita a gestão; a divisão de tarefas; como são as hierarquias; a gestão financeira...)</p>	<p>15. Como é feito o trabalho na Associação? Como é a administração? Como é feita a divisão das tarefas/quem faz o que? Como é a gestão financeira?</p>
<p>- Identificar as possíveis dificuldades do trabalho associado e identificar as possibilidades de melhorias propostas pelos artesãos associados (tanto do ponto de vista interno à organização, quanto do ponto de vista externo, que envolve as legislações, como o MROSC, a relação com o mercado, com o poder público, com os consumidores...)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 16. Quais as dificuldades e/ou problemas você vê na Associação hoje? 17. Você conhece o MROSC? 18. Caso você conheça, saber dizer o que a Associação tem feito para se adequar a ele? 19. Em seu ponto de vista, o que poderia ser feito para resolver os problemas e dificuldades da Associação?

Quadro 10- Roteiro da entrevista.

Fonte: Autoria própria.

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Questionário: Associação dos Artesãos de Gravatá

Nome:

Endereço:

1- Qual sua idade?

- 20 à 25 anos 26 à 31 anos 32 à 37 anos 38 à 43 anos
 44 à 49 anos 50 à 55 anos 56 à 61 anos 62 à 67 anos
 mais de 67 anos

2 -Estado civil:

- Solteiro/a Casado/a Divorciado/a Viúvo/a
 União estável

3-Grau de escolaridade:

- Analfabeto/a
 Ensino fundamental completo Ensino fundamental incompleto
 Ensino médio completo Ensino médio incompleto
 Ensino superior completo Ensino superior incompleto

4-Quantos filhos você tem?

- Nenhum De um à dois De três à quatro Mais de cinco

5- Qual sua renda familiar mensal?

- Menos de 1 salário mínimo
 Um salário mínimo
 De um à dois salários mínimos
 Mais de dois salários mínimos

6- Você é responsável pelo sustento familiar?

- Sim Não

7- Além da atividade na Associação você exerce outra atividade remunerada?

Sim Não

Qual: _____

8- Como você começou a trabalhar com artesanato?

9- Como começou na Associação? Contar sua história.

10-Quais principais dificuldades para o desenvolvimento da associação?

11-Em sua opinião o que poderia ser feito para melhorar a situação da Associação?